

# Ilustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Ceixeira  
 Assig'natura para Portugal, colonias e Hespanha Assig'natura conjunta do Século, do Supplemento Humorístico do Século e da Ilustração Portuguesa  
 PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑHA

ANNUAL.....	4\$800	ANNUAL.....	8\$000	TRIMESTRE.....	2\$500
SEMIANNUAL.....	2\$400	SEMIANNUAL.....	4\$000	SEMIANNUAL.....	700
TRIMESTRE.....	1\$200	TRIMESTRE.....	2\$000	TRIMESTRE.....	350

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



## Summario

Capa: AS PRINCEZAS D. MARIA BENEDICTA E D. IZABEL MARIA, FILHAS DE D. MIGUEL DE BRAGANÇA—  
 Texto: O ÚLTIMO POETA ROMANTICO, 3 illust.—A FERRO E FOGO, 6 illust.—AS NOSSAS EXPOSIÇÕES,  
 3 illust.—A FESTA DA ARVORE, 3 illust.—OS DESCENDENTES DO SENHOR D. MIGUEL, 19 illust.—VIDA MI-  
 LITAR, 37 illust.—CORPUS CHRISTI (A PROCISSÃO EM LISBOA), 8 illust.—LÁ POR FÓRA, 7 illust.—SPORTS,  
 4 illust.—FIGURAS E FACTOS, 3 illust.

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard



Diz o passado e o presente e preoiz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pejo estudo que fez das sciencias, chiromancias, phronoioia e physiognomia e velas applicações praticas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenligney. Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathogoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 1\$000, 2\$500 e 5\$000 réis.

# Somatose

Reconstituinte de primeira ordem.

Estimula fortemente o appetite.

Fabricsfabriken vorm. Friedr. Bayer & Co., Elberfeld.

## Companhia de Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Lisboa - 270, Rua da Princesa, 276

Porto - 49, Rua de Passos Manuel, 51

ENDEIÇOS TELEGRAPHICOS: Lisboa, Companhia Prado

Prado - Porto - Lisboa - NÚMERO TELEPHONICO: 598

NOUVEAU PARFUM  
**PRINCIA VIOLET**  
 29, B<sup>is</sup> des Italiens, PARIS

**Violet** SABÃO REAL DE THRIDACE  
 PARIS Sabão "Veloutine"  
 Recoma, pelos meios 1<sup>o</sup> Hygiene da Pele e Alivura do Escro

Comprem as  
*Sedas Suissas*

Peçam as amostras das nossas sedas, novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas:

*Echizen, taffetas de lustro, Louisine* para de dia, *Mussellina* 120 cm. de largura desde fr. 1,25 o metro, em preto, branco, lizo e plasta-ia, assim como blusas e vestidos em batiste bordado.

Vendem as nossas sedas garantidas soltas directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

**Schweizer & C.<sup>a</sup>**  
 LUCERNE Z. 19 (SUISSA)

Exportação de sedas

## UNION MARITIME E MANNHEIM

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

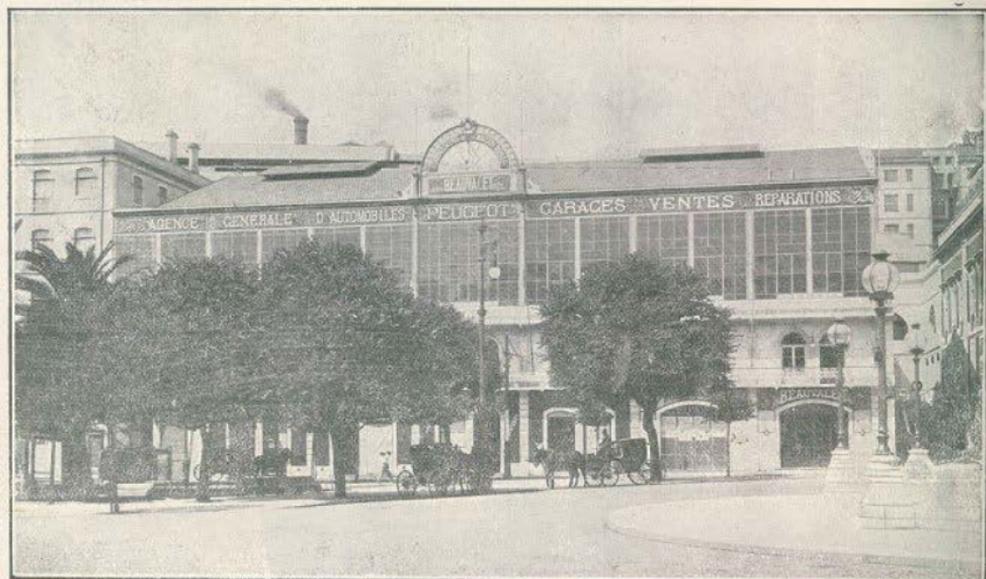
A Companhia *La Union* e *el Fenix Español*, rua da Prata, 59, 1.<sup>a</sup>, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusivé o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa:

**LIMA MAYER & C.<sup>a</sup>**

RUA DA PRATA, 59, 1.<sup>a</sup> - Lisboa

# A mais importante casa de automoveis em Portugal



**ALBERT BEAUVALET & C.<sup>a</sup>** Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.  
 PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Agente em Paris: - Camille Lipman, 26, Rue Vignon



# O ÚLTIMO POETA ROMANTICO

## EDUARDO VIDAL

QUANDO, ha dias, appareceu nos jornaes a noticia da morte de Eduardo Vidal, a surpresa da maior parte dos que a leram inesperadamente não foi a do acabamento do poeta n'uma idade em que pôde considerar-se normal já o termo da existencia, mas, pelo contrario, a de que elle tivesse continuado a viver até tão tarde. A sua abstenção, mantida rigorosamente desde ha bastantes annos, fizera-o esquecer breve, e os menos informados haviam-no supposto, por isso, morto na realidade desde ha muito. Ao chegar o occaso do seu artificial sol de gloria, os homens de um dia futil, absorvidos pela sombra que se condensa, parece que caem logo na sepultura egualitaria e anonyma; e para muitos que no alto do Sinay de orgulho a que subiram supportam a provação desesperada de vér esvaecer-se a falsa miragem homerica da immortalidade das campinas de Asphodela, bem melhor seria, talvez, que a morte physica tivesse effectivamente vindo parallela.

Eduardo Vidal cantava maviosamente quando o seculo passado, na phrase tão magoada de Anthero

de Quental, «envelhecendo, perdeu o som do canto, ou, pelo menos, o sentimento que faz os cantores verdadeiros».

Nascia, com uma nova sociedade dura e pratica, uma poesia nova, mais abstracta do que emotiva, mas em cujas veias estrophicas circulava ainda, de começo, um sangue quente, em que sobreviviam globulos inconscientes da esplendorosa sonoridade verbal de Victor Hugo.

O que pensaria o vate delicado e lamartiniano do bello espectáculo



Retrato antigo de Eduardo Vidal



O ultimo retrato de Eduardo Vidal, tirado em grupo com sua esposa, filhas, genro e netos.

O poeta manifestou sempre uma grande negação a photographar-se. Os retratos que acompanham este artigo, o primeiro dos quaes é ainda um daguerreotypo, representam a iconographia completa de E. Vidal.

# EM MAIO

The heart beats glad.  
Thomson.

Chegaste, ó mez de maio abençoado,  
Ando-te a ver sorrir;  
Mais que um jardim, meu cerebro enlevado  
Começa a refflorir.

Velho?... Deixei de o ser. Todo este monte  
E' mais velho do que eu;  
E olhem como elle agora entrava a fronte,  
Que ateate renasceu!

Maio é como as creanças: — pode a gente  
Sombrio e triste andar,  
Mas se ellas nos saltam de repente  
D'um bando a chabtear,

Parece que entra o sol no fundo d'alma,  
Que é tudo um claro azul  
Sem harpa de David pumba em mais calma  
Tormentos de Saul.

No espaço regorgia o canto alado  
Do amor, — perpetuo hymno:  
Fluctua o vago sombo do passado  
Como um pó d'ouro fino!

Maio, 1902.

d'essa aurora? E' provável que a tivesse sinceramente admirado, e não lhe previsse, mesmo, o crepusculo doloroso tão proximo. Em todo o caso não transigiu, e foi na sua lyra de crystal que se prolongaram os ultimos echos da poesia romantica, com mais pura harmonia de som.

São geralmente conhecidos, e ainda agora evocados ás vezes, os versos epigrammaticos e injustos:

.....  
Quando chega a primavera,  
Vidal, o cantor da tilia...  
.....

O formoso espirito suave do poeta primaveril, vivendo constante o seu radioso sonho rimado, claus-trou-se simples e nobremente, dentro da sua arte doce e amavel, desdenhoso do impeto revolucionario. As cordas da sua harpa, continuou a afinal-as pelo mesmo tom, e sempre que passava a sua querida primavera, redolente e florida, a brisa perfumada dos jardins não deixava de insinuar-se por entre ellas

fazendo-as vibrar n'uma musica colica. Os encantadores versos ineditos, que offercemos aos leitores da *Illustração Portuguesa*, escriptos ha cinco annos, depois dos sessenta do poeta, são um dos seus ultimos cantos primaveris, de um admiravel frescor de mocidade, e elle proprio, ao experimentar a sensação da sua velhice a rejuvenescer, assemelha-a, n'uma entristecida alegria, ao monte que reffloresce em maio. Sente-se mais feliz do que a Samaritana quando Jesus lhe surgiu junto do poço de Jacob, e di-o com inefavel acento lyrico. Mas, todos os seus ultimos versos, numerosos, e porventura os mais lapidares, guarda-os secretamente como um avaro, esquivando-os á publicação. A quem falar a amorosa linguagem das Musas, desde que as abandonaram os seus adoradores?

Ultimamente, contudo, Eduardo Vidal falava no plano de escolher as melhores peças dos seus livros antigos, para formar, juntamente com os versos ineditos, uma collecção selecta da sua preciosa lyrica. Recuperara a consciencia do seu merito artistico, que por um momento teria tido incerta? Antevira uma resurreição gloriosa dos dias triumphantes do romantismo? Seja como fór, tornava a acreditar na poesia, imaginando que renasciam, como a sua velhice e o monte, os canteiros ideaes onde voltara um exnaxe de abelhas de ouro. No regresso do captiveiro de Babylonia, quando os judeus procuravam o fogo sagrado, que haviam enterrado, apenas encontraram uma lama espessa e suja, *aquam crassam*: persistiram, porém, e quando um raio de sol se reflectiu sobre o lamaçal a chamma reanimou-se subitamente e o lume pôde ser transportado para o templo renovado. Era, decerto, esta lenda symbolica e consoladora do livro dos Machabeus, que enlevava a imaginação do poeta.

Mas, infelizmente, quando o sol purificador brilhar, já não será vivo o sacerdote maximo para realisar o primeiro e mais convicto sacrificio. Demais, bem pode, talvez, a ancia soffrega da alma contemporânea almejar um renascimento idealista, uma renovação das idades de belleza moral, uma nova Grecia de Pericles. Que importa! Os poetas morreram.



Eduardo Vidal, aspirante de marinha.  
Reprodução de um daguerreotypo



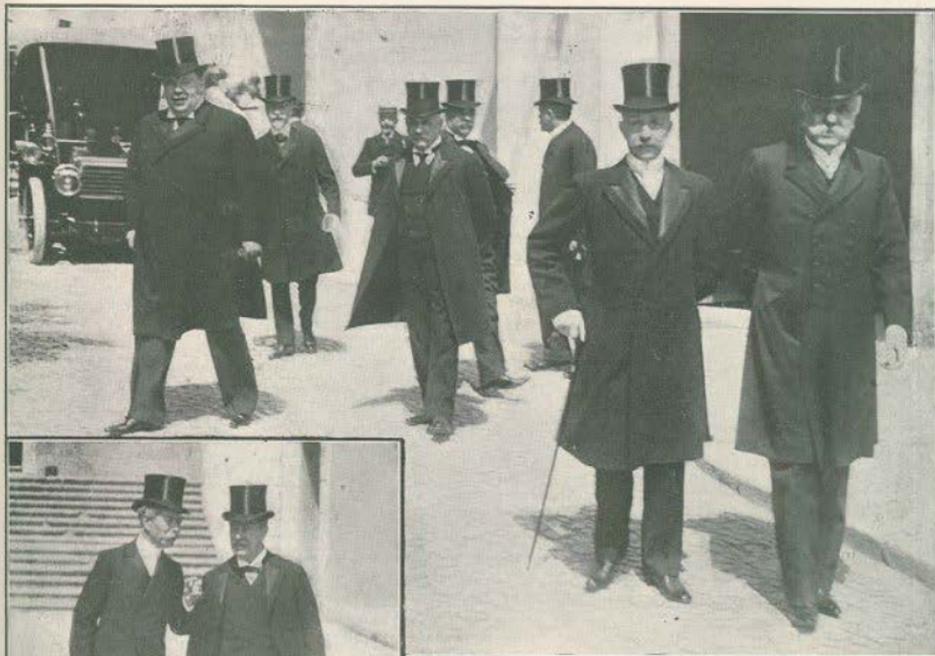
# A FERRO E FOGO!

## A jornada ao paço

A língua franceza presta-se com muita facilidade aos trocadilhos e calemburgos, aos *jeux de mots*, como na mesma língua se diz expressivamente. A portugueza, que é a mais rica do mundo, a acreditar os nossos antigos philologos, que descontaram barato o elogio, aliás, não é apropriada para isso. Ou então o feito do espirito nacional, mais mazombo e menos subtil, apenas pesadamente chalaceador nas suas occasiões, não se accomoda a esse genero. A cada canto da palestra, todo o francez apprehende um equivoco de palavras; cá, o illustre portuguez capaz de fazel-o, uma vez por outra, cria lenda, como succedeu com Duarte de Sá e depois com o nosso amigo Mendonça e Costa Tal é a raridade do merito!



Os srs. conde de Castello de Paiva, Tavares Festas, Alfredo Pereira, Arthur Montenegro, Vicente Monteiro e Francisco José de Medeiros



Os srs. José d'Alpoim, Cabral Moncada, João Pinto dos Santos, Teixeira de Sousa, conde de Bretiandos, conde de Paço Vieira e Campos Henriques  
— Os srs. Alfredo Pereira e Tavares Festas

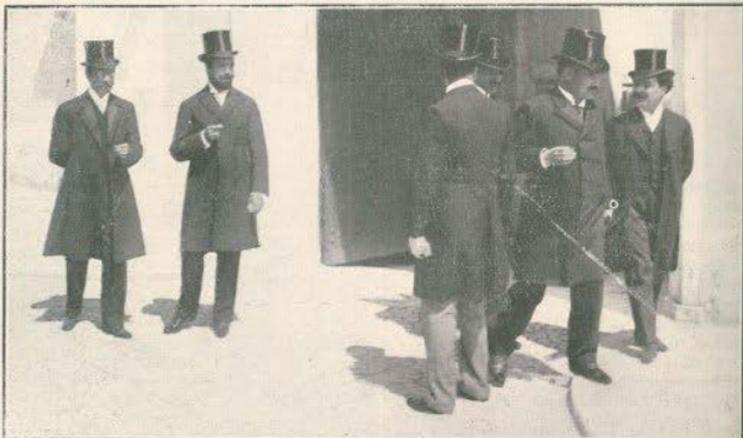


E a proposito talvez não seja descabido contar uma das mais espirituosas aneddotas de Duarte de Sá, que era um fino e gracioso espirito e ao mesmo tempo, conforme é tradicional, um calemburista incorrigivel. Francisco Palha, — o poeta galhofeiro da *Fabia*, o Palha da Trindade de que ainda se lembrain por certo muitos dos leitores da

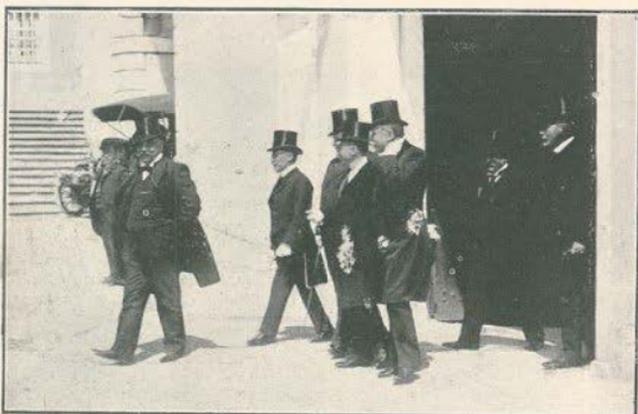
*Ilustração.* — estava a imprimir o seu primeiro livro de versos, e, com a vaidade ingenua dos auctores novos, appareceu um dia no Martinho com as provas do primeiro caderno, orgulhoso como um gallo. Duarte de Sá perguntou-lhe casualmente quem revia o volume.

— «Então quem lia de ser senão eu?» replicou-lhe Francisco Palha.

— «Hum! Não dou nada pela tua revisão», acudiu o outro; e de seguida



Os srs. Alberto Navarro, conde de Castro e Solla, Dias Costa, Antonio Cabral, Mathias Nunes e Moreira Junior



Os srs. Teixeira de Sousa, Cabral Moncada, José d'Alpoim, conde de Paço Vieira, Campos Henriques, João Pinto dos Santos e conde de Bretlandos

com grande copia de argumentos passou a demonstrar que o proprio auctor era sempre o peor revisor das suas obras.

O poeta, por sua vez, explicou que não seria facil escapar-lhe qualquer erro, porque até syllabava as palavras, a fim de não lhe passar pela tangente qualquer erro de composição no texto. Teimoso, Duarte de Sá insistiu:

— «Pois mesmo assim. Queres apostar que até mesmo n'essa folha te escapou algum erro e dos gordos?»

— «Não pode ser!»

— «Pois aposta.»

E apostaram. Duarte de Sá pegou nas provas e affixou o monculo. A primeira folha era a do ante-

rosto, onde abreviadamente se lia: *Poesias por Palha*. E logo, com ar triumphante, gritou:

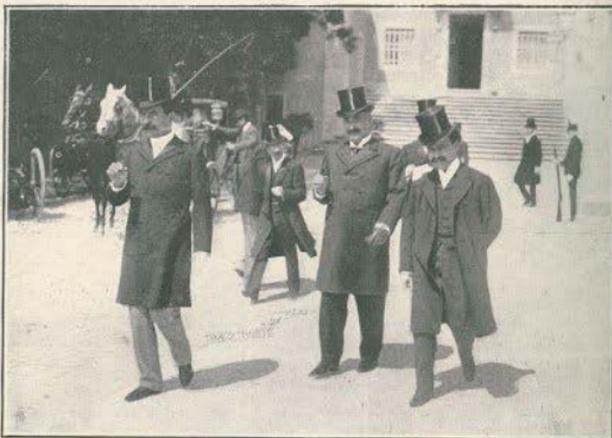
— «Ora, cá está já o primeiro, e em letras bem garrafas, por signal.»

Francisco Palha, cheio de assombro, empolgou os papeis e leu e releu, soletrou, concentrou-se, até que por fim, sem poder atinar, mas duvidoso pela seriedade do outro, interrogou:

— «Mas... onde diabo está então o erro?»

— «Oh! Então não está ahi: *Poesias por Palha*?»

— «Decerto que esta. E depois?»



Os srs. Dias Costa, Alberto Navarro, Mathias Nunes e Moreira Junior

— «Depois?!... Palha por poesias é que é.»

Não era, porque Francisco Palha era um versejador de merito, mas, a saída era engraçada inquestionavelmente, e o poeta foi o primeiro a rir d'ella, sem se magoar.

Ora, isto vem para dizer que, embora menos abundantemente, tambem na nossa lingua, que não será a mais opulenta de lexico, nem a mais harmoniosa ao ouvido, mas que tem, comtudo, uma alta nobreza e verdadeiras elegancias, e que dispõe inquestionavelmente de recursos vastissimos, só desconhecidos, por infelicidade, da maioria dos escriptores novos, tambem se pôdem fazer trocadilhos e calemburgos como na franceza. Ha muitos até que são repetidos usualmente, e entre esses o mais vulgar é, provavelmente, o da pescada. E' ella o peixe mais vulgar nas nossas mesas, e d'elle se diz: «A pescada, que antes de ser já o era.» Antes de pescada na rede, já tinha o nome de pescada, coitada. Parece um nome que impõe um destino.

Ora, foi uma variante d'esse brocardo que ouvimos applicar aos senhores deputados que, com os dignos pares, foram ao Paço das Necessidades, no dia do Corpo de Deus, protestar perante El-Rei contra a dissolução do parlamento e a dictadura do governo.

— «Estes deputados são o contrario da pescada: depois de o serem já não o são.»

Tambem é certo. Depois de dissolvida a camara, os senhores deputados deitaram de sê-lo naturalmente, e só em determinadas circumstancias, que a Carta Constitucional prevê, podem ser chamados transitoriamente.

Esta des-



Os srs. conde de Bretiandos e Paçó Vieira; no segundo plano o sr. Cabral Moncada

locação subita de funcções se bem que não traz ao nosso deputado desfalque no seu orçamento, pois



Os srs. Alberto Navarro, conde de Castro e Solla, Antonio Centeno, conde de Agueda, Mathias Nunes, Antonio Cabral, Moreira Junior e Moreira d'Almeida

— que elle representa os povos com a mais desprendida abnegação e desinteresse, acarreta-lhe, comtudo, semsaborias que dão corte fundo na sua vaidade, innata, afinal de contas, em todo o homem culto.

*Vanitas vanitatis!* Agora, já o representante do povo não pode visitar em triumpho a região que o elegeu — se é que não o foi por vontade do governo e nunca pôz os pés no circulo que o trouxe ás côrtes e nem sequer de nome o conhece — porque a turba e a philarmonica o não virão esperar ruidosamente á estação do caminho de ferro ou da malaposta para lhe gritar aos ouvidos o grito que era para elle uma suave caricia: — Viva o nosso deputado!

Deve confessar-se que é para arrelhar.



Os srs. conde de Agueda, José d'Azevedo Castello Branco e Pereira Lima — (Clichés de Benoitel)

SILVA PORTO CONFERENCIA DE ABEL BOTELHO  
 NA SALA DA ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

FRECHOU com chave de ouro a exposição da Sociedade Silva Porto, feita no salão da *Ilustração Portuguesa* e que foi coroada de um successo brilhantissimo. Veiu Abel Botelho, o illustre critico e escriptor, dizer sobre o paizagista e a sua obra o que a sua alta intelligencia depurára; e, atravez das limpidas e fulgurantes phrases do romancista, a figura de Silva Porto ergueu-se diante dos nossos olhos, viva e intensa, toda aureolada de genio,—como se cada palavra quente e effusiva se transformasse em globulo de sangue ardente e rubro, cada expressão lhe dêsse vida ás linhas da physionomia, cada imagem a fizesse estremer de seiva e voltar até nós, na felicidade plena da sua maturação artistica.

Foi a conferencia dada



diante da Academia de Estudos Livres, que realisava a sua visita official á exposiçõ e assim lhe testemunhava o seu alto apreço, animando os artistas moços a aperfeiçoarem-se, a caminharem sempre, com os olhos fitos no grande mestre que nunca teve mestres e que só da Natureza aprendeu a pintar o natural.

Vão pela mesma senda os quatro expositores de agora, que se não filiam em escolas e seguem apenas os impulsos dos seus diferentes temperamentos. A experiencia mostra que teem feito bem.



Uma parte da assistencia á conferencia

(Cliché de Benoitte)

# A FESTA DA ARVORE



A festa da árvore, que se realizou este anno no Seixal, é a primeira no seu genero que se faz em Portugal. Cumpre esperar que a sua bella iniciativa sirva de exemplo, e que a festa da árvore se propague por outras localidades do paiz.



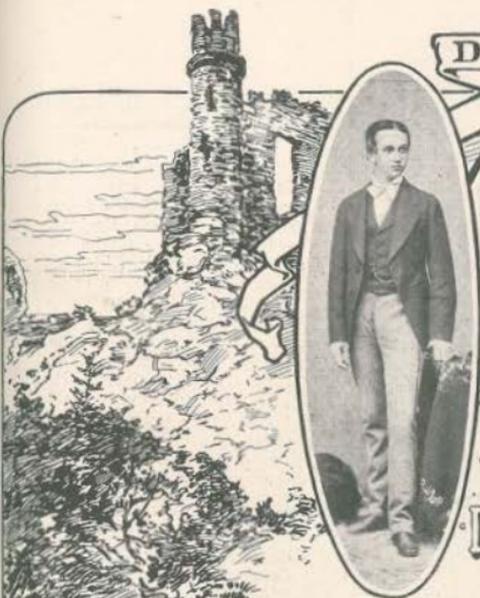
Comissão que levou a effeito a festa da árvore no Seixal—Plantação da árvore no Campo dos Martyres da Liberdade—Grupo de crianças das escolas officaes do Seixal que tomaram parte na festa da árvore, com os professores

(Clichés da photog. Serra & C.<sup>ª</sup>)

DEUS PATRIA

REI

OS DESCENDENTES DO SENHOR D. MIGUEL



VELHO CASTELLO DE SEEBENSTEIN

O partido legitimista portuguez vai mandar a Vienna d'Austria o sr. D. Miguel Uaz de Almada (Avaranches), como seu illustre representante, a conferenciar com o senhor D. Miguel de Bragança sobre a situa-

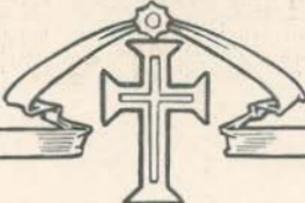
ção da politica nacional n'este momento historico. Os singulares acontecimentos ultimamente desenrolados fizeram evocar na imprensa as lembranças do antigo regimen e puzeram em foco a personalidade do ultimo rei absoluto, o seu exilio, o seu caracter, os seus descendentes. Quantos e quem são estes? Recordemol-o \*

No primeiro de junho de 1834, tendo perdido o throno e entregado tudo quanto possuia, D. Miguel de Bragança era forçado a embarcar em Sines para o desterro, a bordo da fragata ingleza *Stag*, apenas com a roupa que tinha no corpo e a companhia de alguns feis servidores. Em trinta e dois annos d'uma agitada e tormentosa existencia, conhecera as acclamações estonteantes do povo idolatra e as agruras maximas d'uma guerra de irmãos. Mas os triumphadores de Evora-Monte, ao imporem-lhe o exilio, mal imaginavam que elle daria ao mundo, como refere o testemunho insuspeito de Oliveira Martins, um raro exemplo de resignação e pundonor. E mal suppunham tambem quando, a breve trecho, lhe conde-

mnavam á pena ultima a possivel descendencia, que esta viria a fornecer ás côrtes europeias algumas das suas mais lindas, virtuosas e requestadas princezas... Ninguem ignora que sobre os descendentes de D. Miguel I, que se atreviam a pisar o solo portuguez, impendia a pena de morte. Não devemos, porém, admirar-nos se alguns d'elles, a despeito d'essa lei de exterminio, vierem a ser recebidos entre homagenos officiaes, n'um futuro mais ou menos proximo, por esta boa e hospitaleira terra, nos ultimos annos honrada com a visita de tantos chefes de Estado e principes illustres. E' que—ironias do destino!—as alianças de filhos e netos do ultimo rei da monarchia tradicional derogaram implicitamente a lei obsoleta...



D. Miguel II e suas irmãs



Após dezeseite annos d'uma vida não raro taldada de angustias por Italia,

Ingllaterra e Allemanha, o rei desthronado, que a esse tempo contava de sua edade quarenta e nove, conservando um admiravel vigor phisico e o esplendor da lendaria e imponente belleza varonil, consorciou-se em Heubach com a princeza Adelaide Sophia de Löwensstein, então em toda a graça dos seus radiosos vinte annos, e cujos dotes de peregrina formosura e privilegiada intelligencia só foram excedidos pelas heroicas virtudes patenteadas sobredito no estado de viuvez, durante o largo periodo da educação de sete filhos orphãos. Quasi octogenaria, D. Adelaide Sophia é hoje—finda o que ella considerou a sua missão na terra—a veneranda benedictina que, com o nome monastico de soror Adelaide de Bragança, se acolheu ha dez annos, no dia de Santo Antonio, á humildade d'uma cella na abbadia de Solesmes, d'onde, banidas de França as ordens religiosas, partiu com toda a communitade expulsa para o liberal refugio da ilha de Wight. Além d'aquelle que os legitimistas proclamam como seu rei—o senhor D. Miguel II, vindo á luz em 1853—houve do real consorcio seis filhas de quem, na propria presença de D. Adelaide Sophia, declarava um bom padre de Torres Novas, José Feliciano Coelho dos Reis, tão rudemente ingenuo nas palavras como apaixonado na fé politica, que não se admirava de terem todas feito bons casamentos porque, além da egregia estirpe e da educação primorosa, havia a recommendal-as «um seductor palminho de cara...»

Nasceram por esta ordem suas altezas:

Em 1852, D. Maria das Neves, que casou com o infante de Hespanha Affonso de Bourbon; em 1855, D. Maria Thereza, archi-duqueza de Austria, pelo seu consorcio com o principe real e imperial o archiduque de

Austria Carlos Luiz, fallecido em 1806, e irmão do actual imperador; em 1857,

D. Maria José, que casou com o principe Carlos Theodoro, duque em Baviera, celebre medico ophthalmologista; em 1858, D. Aldegundes, hoje viuva do principe Henrique de Bourbon e Parma, conde de Bardi; em 1861, D. Maria Anna, actual gran-duqueza reinante de Luxembourg; em 1862, D. Maria Antonia, duqueza de Parma, pelo seu casamento com Roberto, principe de Bourbon. Quando esta princeza contava apenas quatro annos de edade, uma congestão pulmonar feriu seu pae de morte repentina, ao cabo de trinta e dois annos de desterro...

A' cerimonia baptismal do filho varão de D. Miguel I, celebrada em Heubach, foi assistir uma commissão de illustres partidarios que testemunharam o acto solemne a que presidiu o bispo da Guarda, tambem exilado, D. Joaquim José Pacheco de Sousa. Entre esses portuguezes ia Ventura Malheiro Reynão Marinho Telles de Menezes, ascendente do actual ministro das obras publicas. Da mesma fonte vimaranense com cuja agua fôra baptisado Affonso Henriques era tambem a agua que o octogenario bispo derramou, tremulo, sobre a infantil cabeça. D. Miguel I, diante do berço de seu filho e dos portuguezes seus afeiçoados, renovou á face da Europa anteriores protestos, proclamando os seus direitos á corôa de Portugal e julgando-se mais do que nunca obrigado a zelar a nacionalidade da sua descendencia. Quando o Rei-Martyr, como usam chamalhe os seus adeptos, expirou em 1866, os pequenos orphãos conheciam e amavam a lingua e a historia portuguezas, e D. Adelaide Sophia de Bragança escrevia o nosso idioma com um aristocratico sabor de classicismo que torna as suas cartas, d'um perfeito estylo vieirense, acabados modelos de epistolographia fami-



Ultimo retrato de D. Miguel I



D. Miguel II com o fardamento de coronel de hussares



liar e até politica. O espirito nacional presidia a tudo na regia residencia: a lingua, as leituras, os servos, os usos e costumes denunciavam o constante pensamento da patria, que imperava em Heubach ou em Bronnbach, e que sobreviveu, tão vigoroso como d'antes, á morte de D. Miguel I. Aos nove annos, o herdeiro varão recebia como preceptor, que seu pae lhe trouxera de Londres, um portuguez de superior engenho e inquebrantavel caracter: o dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu, que regeitára uma cathedra em Coimbra para não jurar fidelidade ao novo regimen, e que na terra do exilio adornou tambem no somno da morte, pouco tempo volvido depois do fallecimento de seu augusto amo.

A 14 de novembro de 1866 passava D. Miguel a melhor vida. Desde que a funesta noticia chegou a Portugal, onde na noite d'aquelle dia se observára

uma chuva de estrellas cadentes em que muitos quizeram vêr um annuncio do céu, não houve egreja de cidade ou capellinha de aldeia que não erguesse um cenotaphio e se cobrisse de crepes, celebrando suffragios. D. Luiz e a côrte tomaram luto por vinte dias. A 6 de janeiro do anno seguinte, pelas 5 e meia da tarde, chegava a Bronnbach a deputação do partido legitimista a fim de assistir á inhumação dos reaes despojos que, por expressa ordem do extinto, não foram embalsamados. Compunham-na o Marquez de Abrantes, os condes de Almada, S. Martinho e Redinha, José Corrêa de Sá, D. Luiz Carvajal, Antonio Coutinho de Seabra e José Xavier Teixeira de Barros. A augusta viuva, logo que soube da chegada dos portuguezes, mandou que subissem, como vinham. A seu lado, achavam-se, além do joven principe D. Miguel, as tres princezas

mais velhas. As lagrimas correram abundantes. A custo suffocado o pranto, a senhora D. Adelaide, «com voz firme e uma magestade que não será possível passar da memoria aos que tiveram a honra de assistir a este acto solemne», segundo disse uma testemunha ocular, pronunciou uma allocução famosa. «Todos os sacrificios que faça por Portugal onde só deve ver portuguezes — disse, referindo-se a seu filho — são poucos para pagar os heroicos sacrificios prestados a seu pae e aquelles que já deve aos portuguezes». E acrescentou: «Tua mãe como se estivesse diante de Deus e na presença d'estes portuguezes te diz que prefere verte viver e morrer pobre a deslisesares uma só linha da estrada que seguiu teu heroico pae, que o seu unico pensamento era Portugal.» Por ultimo, dirigindo-se aos portuguezes presentes, prometteu que toda a sua vida seria consagrada á educação de seus filhos, a mais desvelado, a mais catholica e a mais portugueza. Prometteu e cumpriu...



A senhora Dona Maria Thereza de Lowenstein, segunda esposa de D. Miguel II

D. Miguel II dava pouco depois entrada no collegio de S. Clemente, em Metz, a fim de fazer os seus preparatorios. No corpo docente d'esse afamado collegio havia um padre portuguez, prosador e poeta de raro merecimento, e com quem o Proscripto mantem as melhores relações de amizade: — o dr. José Joaquim de Abreu Campo Santo. De Metz passou a Insprunk, de cuja universidade foi alumno distincto. Concluido o seu curso, entrou no exercito austriaco, onde subiu ao posto de commandante do regimento de husaeres n.º 7. Em 1876, o imperador Francisco José concedia-lhe o raro privilegio de exterritorialidade. A 17 de setembro de 1877 casava em Ratisbonne, com a princeza Izabel Maria Maximiliana de Thurn e Taxis. A esse consorcio foi assistir uma deputação do partido legitimista portuguez presidida pelo então joven duque de Cadaval, já fallecido, e com-



D. Miguel II e o dr. Gomes de Abreu, seu preceptor





O ultimo retrato da reverenda Madre Adelaide de Bragança, viuva de D. Miguel I, religiosa beneditina



val o habito de Malta. Foram d'uma imponencia régia os festejos que então se realisaram em Heubach e aos quaes brilhantemente se associou a população local.

D'este consorcio houve já seis filhas: D. Izabel Maria, D. Maria Benedicta, D. Mafalda, D. Maria Anna, D. Maria Antonia e D. Filipa, a mais velha das quaes conta treze annos e a mais nova dois. As quatro primeiras encontram-se desde o dia dois de janeiro d'este anno no convento do Sagrado Coração de Tresbaum, perto de Vienna de Austria, fazendo a sua educação. Procurou-se entre todas as religiosas uma senhora portugueza, mas, com grande magua de D. Miguel II e de sua esposa, não havia nenhuma que o fosse. Ficou, no entanto, assente que as infantas con-

correligionarios e entre as quaes avulta o banquete em honra de sua alteza oferecido no seu palacio de Condeixa por Manuel Ramalho, filho do valente conventuado de Evora Monte, Francisco de Lemos Ramalho de Azevedo Coutinho. N'esse banquete, sentaram-se á mesma mesa com o joven principe, além de Manuel Ramalho, o conde de S. Martinho—decano dos titulares portuguezes—D. Alexandre de Saldanha da Gama, Manuel Bruschy, José de Mendoça (Azambuja), Domingos e Carlos Pinto Coelho, Angelo de Sarrea Prado, João Franco Monteiro, Antonio de Albuquerque, Luiz Pinto de Albuquerque e outros, que não mais esqueceram a profunda commoção dos velhos miguelistas na presença do neto do ultimo rei proclamado pelos tres estados do



A senhora infanta D. Maria Aldegundes de Bragança e Bourbon

*Oh! que madeira me que gemer,  
no mundo commetteram granas amores!*  
Lusitana V - XL1)

*Dona Maria Aldegundes de Bragança - Branda  
6<sup>a</sup> de Beada*

*Paris a Paris 1<sup>o</sup> de Junho*

*Lebanon 19 de dezembro de 1901*

*Homem! Som os pareceres  
I'mm te corar uma co' fe  
d'audez guistar que forcer.  
(A. de M. Mendes)*

*Seebenoten 19 de dezembro de 1901*

*Dom Miguel de Bragança*

tinuassem falando portuguez umas com as outras para que não esquecessem a lingua de seus antepassados, que sua mãe—que a fala e escreve a primor—lhes ensinou com verdadeira paixão...

E', porém, tempo de notular fugidamente impressões do caracter e da vida de algumas das principaes figuras da familia de Bragança exilada. Não nos referiremos ás visitas de D. Miguel II e da senhora infanta D. Aldegundes (1881) a Portugal, nem ainda á que fez a Lisboa e Porto, em 1901, o principe D. Miguel, filho mais velho do real Proscripto. Estão por escrever com exactidão e minucia as homenagens a este ultimo prestadas pelos seus



D. Miguel de Bragança, filho primogenito de D. Miguel II

reino. Tambem entre os convivas se contava Alfredo Serrano, o mallogrado artista que foi professor de portuguez e de historia e litteratura portuguezas do principe D. Miguel e do infante D. Francisco José e depois secretario particular do primeiro. Em cartas escriptas ha dez annos a J. Franco Monteiro, hoje director da Nação, Alfredo Serrano fornecia, confidencialmente, notas de um alto valor psychologico sobre D. Miguel II e seus dois filhos e que os historiadores devem receber com jubiloso anccio.

Do senhor D. Miguel escrevia elle:

... Quando te comparei o João de Deus a Elrei foi com a maxima verdade: a bondade d'elle é

*Amor dos Realistas he sincero,*

*he verdadeira. Dizem do*

*Coração Viva Dom Miguel Primeiro.*

enorme... de tal maneira que, até a um creado particular, que ha pouco andou com um antraz no pescoço, tinha El-rei a paciência de todos os dias lhe fazer o curativo e espremer-lhe a materia e aquella porcaria toda. E' até bom de mais, e tu, que sabes o que a excessiva bondade produziu de desgostos ao João de Deus, podes calcular que El-rei tambem tem perdido por ser tão bom. Emfim, para mim e para todos os portuguezes e portuguezas que aqui estão é—sem desfazer nos mais—a figura mais sympathica da real Familia, como homem e como coração...

... é perfeitamente adoravel e tu podes fazer uma idéa (melhor até do que aquelles que vieram ao exilio por alguns dias) do que elle é, pelo que sabes do João de Deus. A algibeira d'elle está sempre aberta, o sorriso sempre franco e até os creados dizem que nem uma só vez o viram zangado. Tudo para elle está bem, diz que sim a tudo e, se amanhã lhe largarem fogo ao palacio, vae-se embora e perdõa ao auctor do incendio... Um coração unico...

E do primogenito, o principe real D. Miguel: ... Do principe acrescentarei apenas que continúa discutindo muito commigo... Elle indaga tudo sobre o exercito de Portugal, a instrucção, a marinha, a agricultura, depois vae a pensar nas questões e no dia seguinte volta á balha e

torna a discutir que sim, que não, mais isto, mais aquillo...

N'uma carta, em hespanhol, sobre a mesma personalidade, informava:

... El mas viejo y el mas chico (que es llamado Chico) son de caracteres diferentes; el Principe muy serio, vestiendo-se con todo rigor, no hablando harto ni mismo mucho, es lleno de delicadezas; pero conmigo asi mismo habla mucho y tenemos discusiones...

Acerca do infante D. Francisco José, que recorda a belleza peninsular de seu avô, musico e caçador apaixonado como não poucos dos Braganças, segredava Alfredo Serrano:

... El infante es todo lo contrario; siempre reindose, hablando, haciendo en toda parte cosas del diablo, clamando por todo el castillo, con un batallón de perros tras él, y hasta en las cosas de mayor gravedad le cuesta mucho estar socegado por poquito. Pero los dos (o infante e o principe) grandes de cara-

pe), aunque diferentes, son cter...

... E o infante? E' a alegria da casa.

Não se ouvem senão os gritos d'elle por todo o castello e outro dia foi para o pateo dar tiros á uma hora da noite, que até todas as mulheres, creadas, etc., acordaram sobresaltadas. Ao jogar o bilhar com elle, escangalho-me a rir... Mas no que o infante é mais engraçado é quando diz,

*D. Maria Theresza  
de Bragança e d'Austria*

A senhora archiduqueza d'Austria, D. Maria Theresza de Bragança

*A palavra a proposito e sensata e  
pomo de riso marchitada e puate.  
João de Deus*

*Dona Maria Theresza de Bragança  
e d'Austria*

*Viena 22 de Setembro 1901*

O Amor dos Realistas he sincero. A verdadeira Dize do Coração Viva Dom Miguel Primeiro



por exemplo: — Se isso foi uma carambola boa, eu vou ali e já venho!... O vou ali e já venho emprega-muita vez, já se vê entre nós, os que jogamos e nos divertimos... Enfim, é o mais portuguez possível e o mais divertido possível. Estar com elle dois minutos é estar em constante gargalhada...»

Quem é que, lendo estes trechos d'uma desprezenciosa correspondencia intima e que o seu auctor nunca suppôz que viessem a lume, deixará de reconhecer no afilhado do imperador d'Austria a soberana influencia hereditaria do adorado principe cujo nome tão estreitamente está ligado á historia alegre de Queluz e da Bemposta? O maior desgosto do infante D. Francisco José consiste em não ter visitado ainda Portugal. Ha pouco se lastimava commovidamente d'isso, falando com D. João de Almeida Corrêa de Sá. Não será surpresa se o sobermos qualquer dia nas salas da Nação, o imperterrito defensor da causa legitimista, dando beija-mão aos seus feis amigos, d'entre os quaes serão os primeiros a acudir Santos Farinha, o admirador e confidente de sua veneranda avó, soror Adelaide, e Ferreira Cardoso, o medico illustre e o homem de bem ás direitas, a cuja casa, exemplo de lares, o principe portuguez deve ir vêr, com justificado enternecimento e orgulho, o mais vasto e o mais curioso museu miguelino que existe no

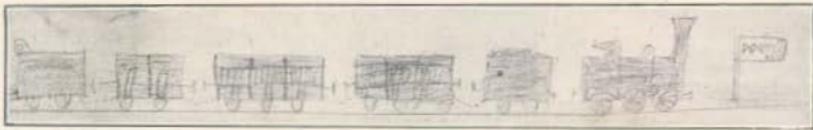
ser de hontem, ahi anda tão envolta em lendas e adulterada de calumnias...

Mas os netos de D. Miguel I não são apenas os filhos de seu filho. A senhora D. Maria José, duqueza em Baviera, é mãe de tres princezas: Sophia Adelaide, casada com Hans-Weit, conde illustrissimo de Törring-Jettenbach; Isabel, princeza real da Belgica, e Maria Gabriella, casada com o principe Rupprecht de Baviera, e dos principes Luiz Guilherme e Francisco José, sendo avô de oito principes: Carlos, Maria José e Hans Heribert, filhos de Sophia Adelaide; Leopoldo, Carlos e Maria José, filhos da princeza real da Belgica, e Luitpoldo e Alberto, filhos de Maria Gabriella. A senhora duqueza de Parma, D. Maria Antonia, é mãe de doze principes: Adelaide, Sixto, Francisco Xavier, Francisca Josepha, Rita, Felix, Renato, Maria Antonia, Isabel, Luiz, Henriqueta e Caetano. A archiduqueza de Austria, D. Maria Thereza, tem duas filhas: a archiduqueza Maria Annuciada que, nas festas da côrte, substitue a desventurada imperatriz Isabel, que um anarchista apunhalou, e a archiduqueza Isabel Amelia, casada com Aloysio de Lichtenstein, e mãe do principe Francisco José. A senhora D. Maria Anna, granduqueza reinante de Luxemburgo, é mãe de seis princezas: Maria Adelaide, Carlota, Hilda, Antonina, Isabel e Victoria. Assim do ultimo dos



A senhora infanta D. Maria Thereza de Bragança, princeza de Thurn e Taxis, filha de D. Miguel II

*Em um tempo muito antigo a meu avô  
no allemo do nome Ferreira Sereno  
amou muito a casa de meu Tio  
e uniu-se a elle  
Uma filha Thereza de Bragança e Thurn Taxis  
Carl Ludwig Peier von Thurn und Taxis*



paiz,— documento de incomparavel fé e inexcusable dedicacão politica e fonte historica que será indispensavel consultar quando se escrever, definitivamente, a chronica do reinado e do exilio de D. Miguel I que, apesar de

Isabel de Bragança Setembro 1900

monarchas absolutos que houve em Portugal existem sete filhos, trinta e quatro netos e nove bisnetos, quer dizer quarenta descendentes para quem n'estes reinos, onde já não se fusila nem enforca ninguem em nome da lei, subsiste a pena de



morte, decretada quando ainda se não previa que uma filha de D. Miguel I

reinaria em Luxemburgo e que de duas das suas netas uma cingirá a corôa da Belgica, pelo seu casamento com Alberto, filho do conde de Flandres e jurado herdeiro do throno, e outra virá a ser a princeza real de Baviera, pois que casou com o primogenito do principe Luiz, filho de Luitpoldo, o octogenario regente do reino... Quando é que o parlamento portuguez, agora posto de lado como inutil, terá a coragem e a isenção de substituir por outra menos feroz e sanguinaria — e direi tambem menos estúpida — a lei que não só o bom senso mas as boas normas das relações internacionaes já derriuram de ha muito? Pongham-se os olhos na França republicana que nunca foi tão desatinada ao precaver-se contra a possibilidade d'uma restauração monarchica e, já que de lá copiamos tanta cousa boa ou ruim, copie-mos-lhe tambem, ao menos, a lei que veda apenas ao chefe da casa de Orleans, permitindo-a, porém, a todos os seus membros, a livre entrada e permanencia na gloriosa patria de S. Luiz...

Como remate d'estes apontamentos, resta dizer que D. Miguel II é um espirito superiormente equilibrado que os proprios adversarios respeitam. Com vivissima attenção acompanha o desenrolar dos acontecimentos que mais interessam á patria portugueza, não deixando de vibrar entusiasticamente com os seus jubilos e de se commover ás lagrimas com as suas desditas. Sobrio em proclamações politicas, que quasi sempre tem feito por meio de cartas ás figuras primaciaes do seu partido, — esses documentos raros são

profundamente ponderados e repassa-os sempre um tom de convicção e sinceridade que bastaria para definir um caracter.

Em 1882, a mocidade legitimista comemorava com ruidosos festejos o vigesimo nono anniversario natalicio do chefe da familia de Bragança exilada. D. Miguel II apressou-se a agradecer em carta dirigida ao seu grande amigo o conde da Redinha, mais tarde padrinho de baptismo de sua filha a senhora infanta D. Antonia, as homenagens de affectuosas e indellectivel dedicacão que lhe eram prestadas. E então escrevia o real Proscripto estas palavras que merecem archivar-se, por que condensam n'uma perfeita synthese os seus sentimentos por varias vezes expressos e as aspirações do programma do legitimismo que n'este momento corre a roda da imprensa liberal, juntamente

com interessantes pormenores da vida intima dos principes portuguezes que vivem no exilio:

*Por sempre a vossa!*

*D. Miguel de Bragança*

«Tudo me vae ao fundo de alma e me leva a não demorar um momento a expressão dos meus sentimentos, que são os da gratidão, da dedicacão e do amor, que animo verdadeiramente real, na significacão mais generosa da

palavra, pode abrigar. «Sobretudo o que mais prezo na manifestacão do amor dos portuguezes ás suas tradições é a legitima representacão d'ellas, é o espirito de abnegação, de concordia, de fraternidade nacional, que tendem e aspiram a fazer de todos os portuguezes uma só familia, onde se toleram até as opiniões divergentes, mas concordes no grande



empenho de se conseguir o bem comum; é a declaração de princípios que levem o paiz a reatár o fio das tradições do passado aos progressos e melhoramentos do presente, preparando assim, a contento de todos, até dos divergentes, um futuro proveitoso e glorioso.

«Uma situação logica e honesta conseguiria isso por certo. Essa situação só ao paiz a pôde dar a monarchia tradicional. E, se o principio que eu represento é indispensavel ao grande empenho, mercê de Deus sinto-me com vontade decidida de cumprir o meu dever, livre de todo o sentimento repulsivo, ambicioso só da sympathia do todos, crente em que Portugal é assaz grande para abrigar todos os seus filhos, que todos serão poucos, se formos além mar lançar os solidos e largos fundamentos ao nosso imperio africano tão lamentavelmente descurado.

«Para levar por diante a grande obra, a obra necessaria, é evidente não haver ahí nem intelligencias, nem actividades, nem energias dispensaveis. O que é preciso é desanuviar a situação moral, regular a situação financeira e propôr á nação o alto fim, que lhe apontam as suas tradições.

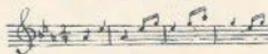
«Tacs são os sentimentos, que se levantam em meu espirito, ao contemplar o quadro d'essa manifestação tão patriótica como esperançosa, esperançosa como a



D. Miguel II vestido de zuavo pontificio



O infante D. Francisco José de Bragança com o fardamento de official austriaco



John Lubbock 24 de Junho de 1901

Dom Francisco José de Bragança

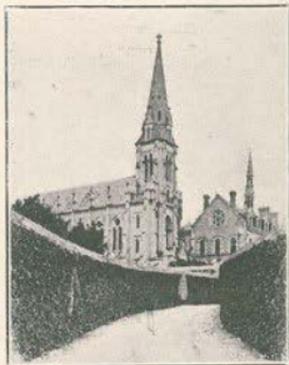
mocidade que a iniciou, a cuja palavra eu respondo com o coração agradecido, com a palavra animadora e com um aperto de mão portugueza de lei.»

Não se imagine que outra mente elaborasse ou outra penna escrevesse esta carta (como por vezes succede ao tratar-se de semelhantes documentos) que não fossem a mente reflectida e a cautelosa penna do se-

nhor D. Miguel de Bragança. Aconteceu, ha annos, que homens veneraveis do partido tradicionalista e seus

chefes em Portugal pretendam que o exilado de Seebenstein subscrevesse uma proclamação ou carta aos portuguezes e cujo rascunho d'aqui fôra enviado para a Austria. Delicadamente, D. Miguel II recusou-se a fazel-o, allegando que accetteria todos os esclarecimentos orientadores e indicações indispensaveis para a essencia da dita carta ou proclamação, mas que se reservava o direito de redigir esse documento, dando-lhe a fórma que entendesse mais conveniente aos interesses da causa que representava e á situação do paiz. Esta nobre independencia, signal evidente da sua aversão a um automatismo aviltante, agradeu summamente aos legitimistas que d'ella tiveram conhecimento e que por certo a acharam adequada ao conceito que lhes cumpre

fazer do seu rei. Duas passagens da carta acima transcripta causaram particular impressão: uma por definir a bondade ingenuita do signatario, quando affirmou que «Portugal é assaz grande para abrigar todos os seus fillos»; outra por testemunhar a sua vasta cultura intellectual e seguras vistas do ho-



A abbadia de Solesmes, onde professou a viuva de D. Miguel I

Amor dos Realistas, he sincero.

he verdadeira. Dizem do

Coração Viva Dom Miguel Primeiro.

mem de Estado quando accrescenta  
 «que todos serão poucos (esses filhos)

se fôrmos além  
 mar lançar os so-  
 lidos e largos fun-  
 damentos do nos-  
 so imperio africa-  
 no...» D. Mi-  
 guel II via, de  
 longe, aquillo que,  
 ao perto, nós per-  
 sistiamos em não  
 querer vêr...

Perguntar-me-  
 hão agora os meus  
 leitores, que des-  
 conhecem os bas-  
 tidores da política,  
 se o partido miguelis-  
 ta dispõe ainda hoje  
 de força numerica e  
 que papel representa  
 na sociedade portu-  
 guesa. E' simples a  
 resposta. A qualidade  
 supre a quantidade. A  
 influencia exercida con-  
 siste apenas no enorme  
 prestigio moral que  
 cerca esses homens,  
 muitos dos quaes sa-  
 crificaram, com exem-  
 plar abnegação, ás suas  
 idéas dynasticas,  
 aos seus princi-  
 pios religiosos e  
 politicos, os seus  
 interesses pes-  
 soaes. *A Nação*,  
 que conta seten-  
 ta e um annos  
 de existencia,  
 prosegue inte-  
 meratamente na  
 defeza das tradi-  
 ções, que pro-  
 clamam a par  
 da liberdade e da  
 responsabilidade

do rei e da liberdade do povo,  
 os direitos de D. Miguel II, como,  
 segundo affirma o seu programa,  
 «legitimo representante do  
 fundador da monarchia estabele-  
 cida em Ourique e pactuada em  
 Lamego». Da velha aristocracia fiel  
 mencionarei, ao acaso, a familia Ca-  
 daval, voluntariamente exilada em  
 França; D. João de Lencastre e  
 Tavora, a quem pertence o titulo  
 de marquez de Abrantes; o conde  
 de S. Martinho, D. Miguel Vaz  
 de Almada (Avranches), um  
 dos amigos dilectos do princi-

pe proscripto; o conde da Azambuja,  
 D. José da Cunha e Lorena (S. Vicente)

e D. João de Al-  
 meida Correia e  
 Sá (Lavradio).

No clero, ao con-  
 trario do que al-  
 guns suppem, as  
 afeições legitimis-  
 tas podem actual-  
 mente contar-se e  
 quasi se acantoom  
 n'um ou n'outro  
 ponto da provin-  
 cia, antigos baluar-  
 tes da tradição,  
 como Braga e Co-  
 vilha.

As idéas modernas  
 e a memoria dos ho-  
 rrores da guerra civil,  
 agravada com pavo-  
 rosas lendas de san-  
 gue, desviaram o povo  
 do miguelismo—pala-  
 vra que a maioria pro-  
 fere com susto,—mas  
 encontram-se raras fa-  
 milias onde a fidelidade  
 aos principios  
 do passado se conserva  
 pura e extreme,  
 herdada de paes a fi-  
 lhos. Da ala gentil  
 dos escriptores, po-  
 etas, jornalistas e ora-  
 dores do partido quasi  
 todos se foram para  
 a eterna viagem da  
 morte, se bem que al-  
 guns appellidos illus-  
 tres ahi tenham repre-  
 sentantes que se hon-  
 ram de seguir os pas-  
 sos de seus ascenden-  
 tes. A bandeira bran-  
 ca fluctua porém, nas  
 janellas do decano dos  
 jornaes de Lisboa e  
 os velhos miguelistas,  
 encanecidos  
 no culto do seu Deus e do seu Rei,  
 ao verem-na tremulando ao vento,  
 recordam cheios de fé, transfigura-  
 dos de esperanza, os versos d'esse  
 poeta encantador que foi Sebastião  
 Pereira da Cunha, o fidalgo de Por-  
 tozello :

«...Príncipe! ainda é cedo; a hora não é esta,  
 Ainda dura a tormenta, ainda está negro o céu;  
 E da calhândra a voz nos seios da floresta  
 Não se escuta por ora; o dia não rompeu...»

AVELINO DE ALMEIDA.



O palacio de Seebenstein (Austria) onde reside D. Miguel II

*Ente meus gustos d'esperança  
 uma alma no allucio de  
 liberdade sempre te vou honrar*

*Maria Antónia  
 a Regença e a Bourbon  
 Regença a Paroch*

*Roberto  
 Du e Paris*

*Sobrança de Sampaio 21 de Maio 1901*

*Ursula de Bourbon  
 França de Lancy 23/6 901*

*Bartolomeu de Bourbon  
 Bourbon de Paris 1/11 1901*

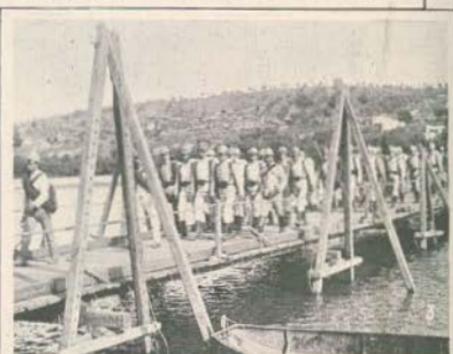
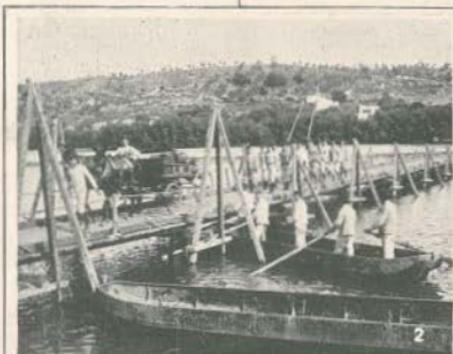
*Maria Amalinda de Bourbon Princesa de Portugal*

*Pedro de Bourbon Príncipe de Saxe*





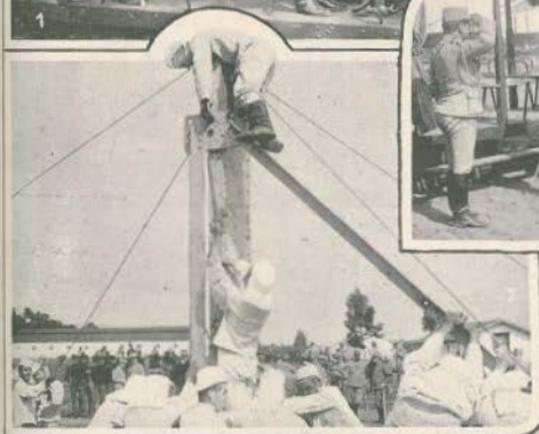
# VIDA MILITAR



**O**s exercicios de Tancos são, naturalmente, de todas as manobras e experiencias militares aquellas que mais despertam a curiosidade do grande publico. Tancos é, como se sabe, a nossa escola pratica de engenharia, e comprehende-se bem que a construção de uma trincheira ou o lançamento de uma ponte, o estabelecimento de uma linha ferrea ou a ascensão de um aerostato, por exemplo, sejam coisas mais facéis de interessar o espirito de um paisano e de prender-lhe a attenção do que as

1. Ponte de barcas sobre o Tejo entre Tancos e Arrepiado—2. Ponte de cavalletes sobre o Tejo—3. Atravessando a ponte de cavalletes—4. Examinando uma ligação—5. Collocando as vigotas de travamento—6. Construção de um lanço da ponte de barcas

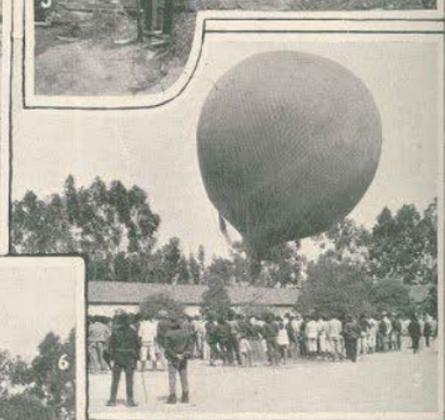
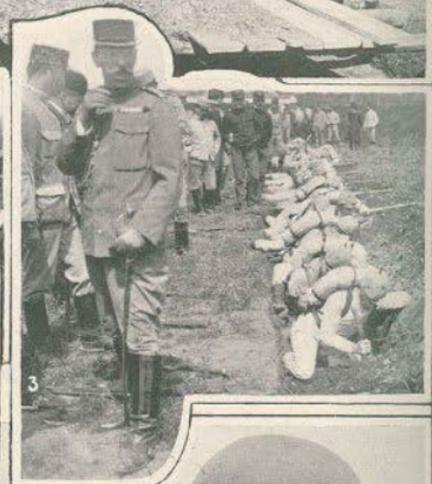
evoluções táticas de qualquer batalhão. Por isso, este anno, os exercicios finais realizados na escola de Tancos, com a assistencia d'el-rei e do sr. ministro da guerra, atrahiram, como nos anteriores, uma grande concorrencia, e a *Illustração Portugueza*, no seu propo-



1 e 2. Na linha ferrea Decauville — 3, 5, e 8. Lançamento da ponte Eiffel — 4 e 6. Forte colonial — 7. Examinando a carta

sito de constituir o repositório graphico completo de todos os acontecimentos da actualidade, não podia também deixar de consagrar-lhes algumas das suas paginas.

Os principais exercicios executados, e que em detalhe mostram as numerosas photographias que reproduzimos, consistiram, principalmente, no lançamento sobre o Tejo de uma ponte de barcas e sua conversão sobre a mar-

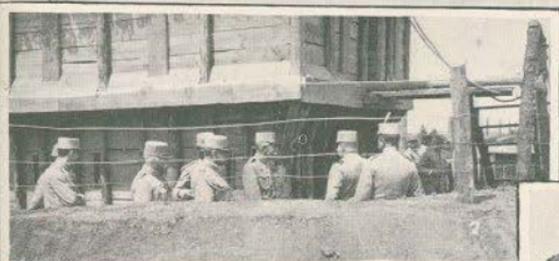
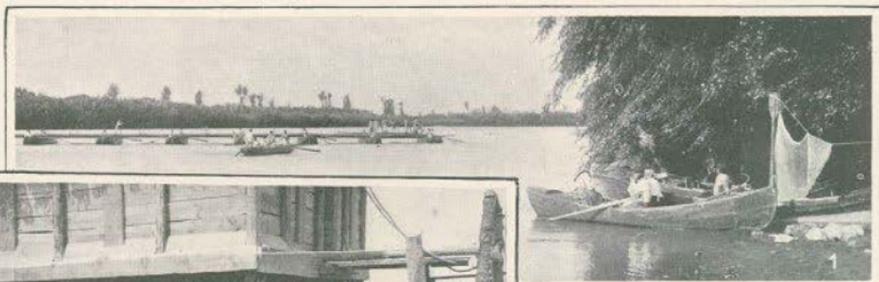


gem esquerda, estabelecimento de uma linha telegraphica sub-aquatica, assentamento de uma linha ferrea Decauville, montagem de uma ponte systema Eiffel, trabalhos de sapas e trincheiras para as diversas especies de fogo, ascensão de um balão captivo e explosões de minas.

Durante o periodo de instrução d'este anno foi também construido em Tancos um modelo de forte colonial, com os respectivos aquartelamentos e enfermaria, o qual foi considerado, não só como

1. O balão captivo no ar — 2. Examinando um abrigo — 3. Defeza de uma trincheira

— 4. El-Rei, o sr. ministro da guerra, coronel Bocage e tenente coronel Fernando de Serpa consultando o programma dos exercicios — 5. Larga tudo! — 6. Promptos para partir

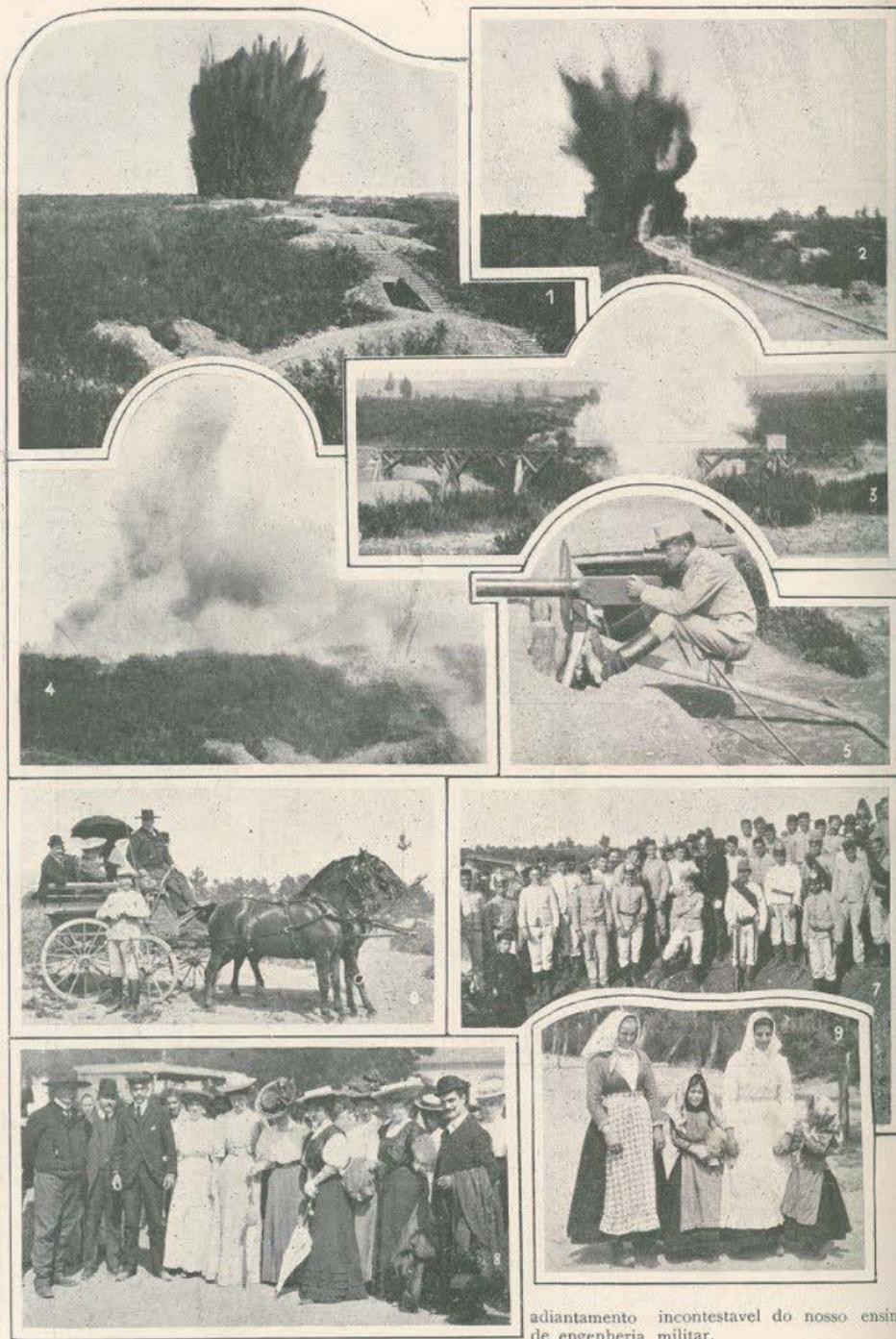


correspondendo a todas as exigencias technicas, mas tambem excellentemente construido e acabado nas mais convenientes e apropriadas condições. Para um exercito na situação especial do nosso, que de nenhuma maneira pôde abstrair do provavel emprego ultramarino, todos os ensinamentos conduzidos no sentido da defeza e da guerra colonial entram, certamente, na categoria dos mais uteis e proveitosos.

As explosões de minas com o fim de mostrar a fôrma porque pôde inutilisar-se, em campanha, um viaducto e uma linha ferrea do inimigo, foram, sob o ponto de vista pittoresco, um dos espectaculos mais interessantes para os profanos.

Em resumo, os exercicios de Tancos não só foram, como dissêmos de começo, os mais curiosos e interessantes, como demonstram tambem o

1. Conversão sobre a margem esquerda do Tejo da ponte de barcas e cavaletes—2. Forte colonial—3, 4, 5 e 7. Os curiosos em carruagens e bicyclettas—6. Pessoal superior do caminho de ferro que acompanhou o comboio real



adiantamento incontestável do nosso ensino de engenharia militar.

1. Destruição de minas — 2. Destruição de uma linha ferrea — 3. Destruição de uma ponte improvisada  
 4. Explosão de um forno — 5. Rectificando uma pontaria — 6. O sr. Luiz de Sommer na sua carruagem  
 7. Depois dos trabalhos — 8. Os viscondes de Alferrade e as famílias Sommer e Alzina — 9. Um grupo de curiosos  
 (Clichés de Benoliet.)



# CORPUS CHRISTI

A PROCISSÃO  
EM LISBOA



S. Jorge e o seu sequito: o homem de ferro e os pretos—Chegada de Suas Magestades á Sé: o sr. presidente do conselho cumprimenta Sua Magestade a Rainha —A procissão:saindo da Sé



No adro da Sé: Os alumnos do collegio dos Inglezinhos  
—S. M. a Rainha, na tribuna, orando à passagem da procissão  
—Damas da Rainha indo ao encontro de Sua Magestade—O regresso da procissão: A camara municipal, casa militar d'El-Rei e a guarda dos archetros



A's varas do pallio

(Cliches de Benoit)

# LÁ POR FÓRA

Os Reis da Noruega em Paris



A CHEGADA A VERSAILLES



O REI HAAGON E O PRESIDENTE FALLIÈRES

Tiveram uma recepção entusiástica em Paris os reis da Noruega, que visitavam pela primeira vez a capital franceza na sua qualidade de soberanos.

O presidente Fallières fez-lhes gentilmente as honras da cidade, acompanhando-os nas suas principais excursões e visitas.

## A exposição de horticultura de Paris — Nas estufas do Cours-la-Reine



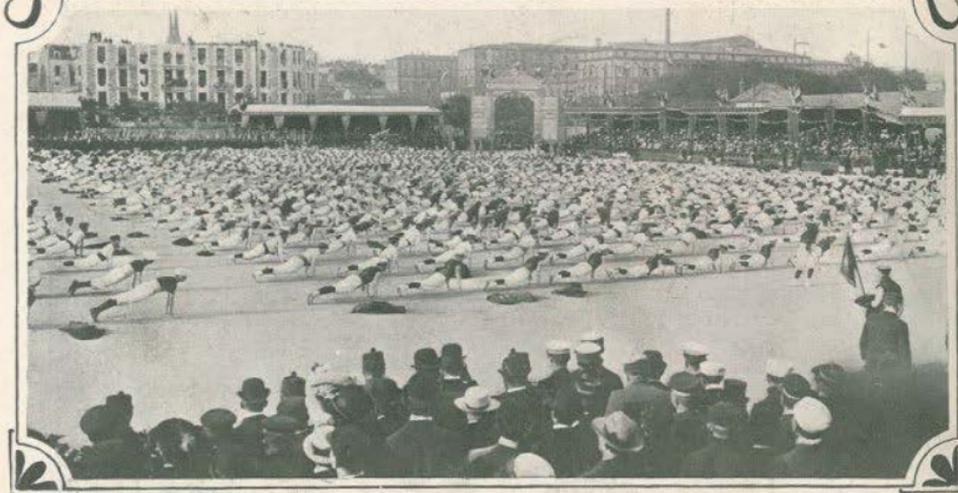
O presidente da Republica, no meio dos srs. Viger, presidente da exposição, e Lepine, prefeito de policia (à sua direita) e Ruau, ministro da agricultura (à sua esquerda)



O presidente da Republica e madame Fallières percorrendo as diversas instalações da exposição

(Clichés de M. Rol & C.<sup>ª</sup>, de Paris)

## Grandes festas das Sociedades de gymnastica em Clermont-Ferrand



Exercícios de conjunto das sociedades—Exercícios das professoras de Genova—Exercícios collectivos

**E**m Clermont-Ferrand celebrou-se recentemente a festa da federação das sociedades gymnasticas francezas, que todos os annos desperta o maior entusiasmo e interesse.

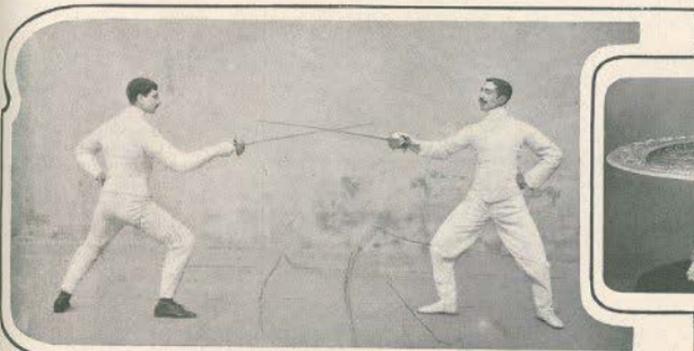
As photographias que reproduzimos n'esta pagina, e que mostram principalmente alguns dos exercicios realizados conjunctamente por todos os concorrentes, são a demonstração inilludível de quanto são con-

corridas estas bellas festas de sport, que tão uteis se tornam para o desenvolvimento da educação physica.

E' pena que em Portugal não se siga o exemplo e que os nossos concursos de genero sejam tão pouco concorridos e systematicamente desdenhados pelas senhoras, que na festa de Clermont-Ferrand constituiram um dos seus mais graciosos attractivos.

# ESPORTS

## TORNEIO DE EGRIMA



Realizou-se no dia 30 de maio a ultima sessão, no Centro Nacional de Egrima, para a disputa da taça Antonio Martins.

As duas equipes, uma do Centro e a outra do Real Gymnasio Club, empregaram-se uma grande energia nos dezoito assaltos que se realizaram. Venceu, porém, a equipe do Centro Nacional de Egrima, em cujo poder ficou a taça.



Os srs. Paredes e Camillo Castello Branco—Taça Antonio Martins, oferecida pelo Tiro e Sport — Sentados: A. Lages (vencedor), Antonio Martins e Camillo Castello Branco (vencedor); de pé: dr. Horta e Costa (vencedor), F. Correia (vencedor), Vieira, Paredes, Noronha, dr. Osorio (vencedor), Bordallo Pinheiro e Alves Costa—Francisco Correia e Noronha (Clichés da Phot. Vasques)

# FIGURAS E FACTOS

**HENRIQUETA VEIGA** — Elogial-a, não! A palavra humana é feita de materia grosseira bastante para que a sua caricia não corra o perigo de maguar um talento precoce, como o afago de um seixo sobre uma flôr mimosa. Seria necessario espiritualisar a expressão para que ella não melindrassse uma petala sequer d'essa corolla, que se entre-abre ao sol de uma alvorada radiante, Espiritualisal-a, como? Na musica talvez, coada pela voz d'ella, em notas vibrantes como de mulher, para expressar a commoção poetica; em gorgeios infantis e suaves, para traduzir o enternecido enleio que, ao ouvil-a, me prende.



Enleio em que algo existe porventura de egoisticas apprehensões.

Quem sabe se a poderei ouvir ainda, quando essa creança bem fadada realizar o deslumbrante futuro que todas as noites nos promete, n'uma modesta sala de espectaculos da calçada da Estrella? Os applausos que a saudam devem ser como os primeiros rebentos de um copioso festão que, com o decorrer dos annos, ha de florir esplendido, por entre espinhos, ai de nós! porque de espinhos se entretacha ainda a mais apeteccida corõa artistica.

Mas para que seja desafogada a florescencia, é preciso.

Escuta, minha pequena! E' preciso que abramos os ouvidos a lições banaes do que á voz mysteriosa que te segrede no intimo, acaso és, como se n'afigura, uma eleita d'essa Potencia Divina que os velhos Gregos envolviavam nas roupagens hieraticas da Musa, á mingua de lhe comprehendem a essencia.

Quando te affirmarem que a tua voz é sublime, é signal de que merece a pena sublimar-a. Quando te qualificarem o espirito de vivo e penetrante, receia que elle se embote se não o afiares constantemente no rebolo do estudo. Quando te disserem que és bonita, attribue antes ao fulgor divino do que

aos cambiantes de iris a fascinação de teus olhos.

E eis aqui está porque eu não te elogio, pequena. E' possivel que os outros tomem á conta de louvor as palavras que acima deixo escritas. Tu, não as consideres senão como expressão de enternecida sympathia e um voto por uma seara porvindoura de glorias, se acaso não tiveres a louca pretensão de colher antes de semear.

Junho — 2 — 1907.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.



Casa da sr.<sup>a</sup> condessa de Valmór, construção do architecto sr. Ventura Terra, que obteve este anno o premio Valmór



D. Mafalda Mousinho d'Albuquerque (*Modestia*), auctora de um livro de versos agora publicado



**NOVO DIAMANTE AMERICANO**

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1500 réis o par. Lindos collares de perolas a 15000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa

**Livro de ouro da mulher****A mulher medica de sua casa**

Livro de hygiene e medicina familiar, indispensavel em todas as casas  
Premiado na exposição de Leipzig de 1904

Pela Doutora ANNA FISCHER DUCKELMANN

Traduzido e adequado pelo Dr. ARDISSON FERREIRA  
Medico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

OBRA PUBLICADA COM GRANDE SUCESSO NA ALLEMANHA, FRANÇA, HOLLANDA,  
ITALIA, RUSSIA E HESPANHA

CENTENARES DE GRAVURAS — LINDISSIMOS CHROMOS

Fasciculos de 16 paginas 60 réis. Tomo de 80 paginas 300 réis

Pedidos  
à antiga

**CASA BERTRAND**

73. R. Garrett, 75  
LISBOA

**Bicyclettes,**

MACHINAS FALLANTES E DISCOS DE MARCA  
SIMPLEX, o melhor que ha e por preços sem competencia. Bi-



cyclettes das celebres mar-  
cas - IMPLEX, B. S. A.,  
ALLRIGHT, LINON e  
IMPERIAL. Accessorios  
para bicyclettes e motocy-  
clettes. Grande deposito  
das melhores machinas fal-  
lantes e dos celebres dis-  
cos de marca SIMPLEX,  
os melhores que ha. Tudo  
novidades. Variadissimo  
repertorio de musica e can-  
to das maiores celebra-

ões artisticas. Preços excepcionaes para a Africa, Bra-  
zil e colonias. Pedir cataloos de bicyclettes, machinas fallan-  
tes e discos a J. CASTELLO BRANCO, Rua do Soccorro,  
48, e Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 - LISBOA

**NESTLÉ**

FARINHA LACTEA

36 medalhas de ouro incluindo a conferida  
na Exposição Agrícola de Lisboa

**PREÇO 400 RÉIS**

**AGUA CASTELLO**

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES — FORNECEDORES da CASA REAL

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro

Dotações de creanças de 1 aos 15 annos



# Sociedade de seguros mutuos sobre a Vida

Séde social: RIO DE JANEIRO — Filial em Portugal: Largo do Camões, 11, 1.º - Lisboa

## A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

### DIRECTORIA DA FILIAL

Já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. A Directoria local resolve sobre todos os assumptos, inclusivé a approvação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

**Presidente:** Conselheiro Julio Marques de Vilhena, governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado honorario.  
**Vice-presidente:** Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, Ministro de Estado honorario e lente da Escola Medica.  
**Director consultor:** Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torral, Advogado.  
**Director medico:** Dr. Henrique Jardim de Vilhena.  
**Gerente:** M. A. de Pinho e Silva.

### Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro

### Dotações de creanças de 1 aos 15 annos

Unicamente adoptado pela 'EQUITATIVA'

de 1 aos 15 annos

Nos sorteios de abril e outubro de 1905, abril de 1906 e abril de 1907 foram contempladas as seguintes apolices recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

20180 — D. Amelia Marques da Costa Barros, Porto.....	11000\$000	20613 — M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho, Lisboa.....	11000\$000
20070 — Dr. João Maria da Costa, Alpiarça.....	11000\$000	21539 — José Antonio Rodrigues, Bombarral.....	11000\$000
20291 — Lino Joaquim de Almeida Aguiar, Lisboa.....	11000\$000	22050 — João Garcia Augusto, Estremoz.....	11000\$000
20899 — José João Telhada, Santarem.....	11000\$000	20508 — José Francisco Enxuto Junior, Caldas da Rainha	11000\$000
20318 — D. Maria da Silva Catharino, Alpiarça.....	11000\$000	21950 — (provisorio) Adelino dos Santos Cera e espo-	
20330 — Dr. Antonio Cesar Almeida Reina, Figueira da Foz	11000\$000	sa, Cantanhede.....	11000\$000
20755 — José Fernandes Rodrigues, Lisboa.....	11000\$000	22173 — Joaquim Paulo Marques, Alcaçovas.....	11000\$000
20851 — Abilio de Mattos, Ponte de Lima.....	11000\$000	21508 — Manuel Lopes Varella, Aviz.....	11000\$000

Serão attendidos todos os pedidos de tabelas de premios-prospectos e outras informações que forem dirigidas a

## Filial d'A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º - LISBOA

Agente em Paris: Camille Lipman, 26, Rue Vignon